

O CORPO TRAVESTI: ENTRE O ENCARCERAMENTO E O PALCO NOS JORNAIS PERNAMBUCANOS (1960-1985)

Anne Raquel da Silva Nascimento¹
Natanael Duarte de Azevedo²

INTRODUÇÃO

O trabalho a seguir refere-se ao estudo do grupo social das travestis e a representação dos seus corpos nos jornais pernambucanos, ora sendo marginalizados ora estampados em notícias que envolviam a cultura e a sociabilização dos recifenses³. Para trabalharmos com os corpos travestis entre 1960 e 1985 é necessário estabelecer relações com a contracultura, o incipiente movimento homossexual, a construção da identidade homossexual e com os movimentos de liberação constituídos pelos demais grupos sociais que surgiram durante o período ou retornaram aos seus campos de atuação, como o movimento feminista.

É preciso destacar que já na década de 1950 era comum encontrar travestis realizando shows durante o período de carnaval e a expansão do número de estabelecimentos, atividades culturais e manchetes em jornais que envolvessem homossexuais e travestis. Igualmente aos espaços de sociabilidade, a discriminação e a repressão contra homossexuais e travestis não foram instauradas juntamente com a ditadura civil-militar de 1964, mas foram reforçadas nesse período. O discurso discriminatório anterior estava ancorado em três segmentos: o médico-legal, que tratava a homossexualidade e a travestilidade como uma doença, uma perversão; o discurso religioso, no qual tudo que estivesse fora das normas estabelecidas pelas igrejas, no tocante à formação de um casal familiar⁴, seria considerado como pecado, ilegítimo e anormal; e as visões criminológicas conservadoras, no qual consideravam homossexuais como criminosos em potencial (GREEN; QUINALHA, 2015).

Green (2000) destaca, no entanto, que quanto mais visibilidade tinham mais repressão elas/eles sofriam. Muitas/muitos homossexuais eram agredidas/agredidos simplesmente por possuírem uma performance mais efeminada. Comumente, nas décadas de 1950 e 1960, a perseguição policial assolava as ruas dos centros urbanos. Batidas policiais, por exemplo, ocorriam constantemente nas portas dos cinemas. Era preciso que as/os homossexuais comprovassem que tinham empregos remunerados para que não fossem detidas/detidos pelo crime de vadiagem. Além do mais, com o intuito de extorqui-las/los, os policiais ameaçavam contar o ocorrido às suas famílias. Toda a atenção era voltada para a

¹ Mestranda em História Social da Cultura Regional pela Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, anne.rsn0@gmail.com.

² Professor orientador: Doutor em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal da Paraíba. Atualmente é professor Adjunto da Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia (UEADTec) da Universidade Federal Rural do Pernambuco e atua no Programa de Pós-Graduação em História da UFRPE, natanael.duarte.ufpb@hotmail.com.

³ O presente trabalho faz parte do projeto “Narrativas queer(izadas): diálogos entre historiografia, saberes subalternos e teoria queer”, sob a coordenação e orientação do Prof. Dr. Natanael Duarte de Azevedo, financiado com a bolsa de Pós-Graduação pela Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE).

⁴ Aqui se entende que o casal familiar, considerado pelas igrejas, é aquele formado por homem e mulher.

juventude, pois se acreditava que seria o grupo social mais vulnerável a todo tipo de influência resultantes da revolução dos costumes. Os militares ligavam os “desvios sexuais” à “subversão” e, conseqüentemente, à entrada do comunismo no país. Durante esse mesmo período, o movimento homossexual encontrava-se em alta ao redor do mundo, mas a promulgação do AI-5, que aumentou o poder policial, cessou qualquer tipo de pensamento organizacional do movimento homossexual no Brasil (FICO, 2015).

No início da década de 1970, como analisa Fry e MacRae (1985), só era possível realizar críticas ao governo através das bases do cotidiano, como em palcos, shows, festas em casas noturnas, música, espetáculos teatrais etc., sempre utilizando o deboche como ferramenta para não serem censuradas/censurados. No Recife, assim como no resto do país, também houve quem resistisse às normas proveniente da imposição dos padrões de gênero: o grupo de teatro *Vivencial*. Em 1979, o grupo de teatro amador e alternativo cria o café-concerto *Vivencial Diversiones*, que surge com o objetivo de tornar a homossexualidade e a travestilidade uma forma de transgressão. O *Vivencial* era constituído por pessoas marginalizadas, pobres e travestis que viviam da prostituição. O grupo encerra suas atividades em 1981 após ser absorvido pela sociedade e ter perdido a sua originalidade (GREEN, 2000; TREVISAN, 2000).

MacRae (2018) enfatiza que o movimento homossexual, juntamente com o movimento feminista, consegue incorporar às discussões conceitos que questionavam as naturezas das práticas sexuais, assim como os padrões de gênero instituídos para homens e mulheres. A partir da influência do movimento feminista elegeram como inimigos em comum os machistas. Mesmo com toda a construção de uma identidade homossexual e feminina, as questões referentes às travestis não eram discutidas nos encontros organizados pelos os/as homossexuais, como nas reuniões do grupo Somos⁵. Para algumas feministas, as travestis ao realizarem cirurgias com o intuito de possuírem as características compreendidas no período como femininas, tornavam-se reprodutoras da organização dos papéis sociais. A maioria dos homossexuais parecia ter certo desprezo pelas travestis por acreditarem que elas reforçavam os estereótipos de que todo homem homossexual gostaria de se tornar uma mulher.

Por sempre estarem presentes no imaginário da sociedade como ligadas à criminalidade e à prostituição, pouca produção acadêmica se tem no Brasil, no que se refere ao estado da arte, sobre a travestilidade. Sabendo da importância da temática por serem as travestis consideradas como os alvos principais da repressão, que visava controlar as práticas sexuais e a moralidade, escolhemos a cidade do Recife e os seus arredores como cenário para o desenvolvimento deste trabalho. Assim como em outros centros urbanos do país, nos jornais do Recife, as travestis eram retratadas, tanto nas colunas policiais, envolvidas com a criminalidade, como nas colunas culturais, com seus shows artísticos nos teatros e nas casas noturnas. Morando (2015) afirma que as travestis tentavam se contrapor à construção social e buscavam novas formas de experiência e socialização.

Nesse sentido, o nosso trabalho tem o propósito de estudar o cotidiano das travestis e de como elas eram percebidas, através dos jornais recifenses tanto pelas autoridades policiais como pela sociedade civil. Pretendemos trazer à tona as histórias dos corpos esquecidos pela historiografia e marginalizados pela sociedade. Através das suas vivências cotidianas poderemos compreender os aspectos envolvidos no processo que foi a ditadura civil-militar. Sendo assim, objetivo deste trabalho é compreender quais foram os discursos e mecanismos utilizados para reprimir os corpos travestis, tanto política como

⁵ Primeiro grupo de homossexuais do país que funcionou do final de 1979 até o início da década de 1980, em São Paulo.

socialmente, e como eram representados esses corpos nos jornais pernambucanos (1960-1985).

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Com o intuito de alcançar os objetivos propostos acima utilizaremos como conjunto de técnicas: 1) a pesquisa bibliográfica, as fontes secundárias, para a construção do arcabouço teórico-metodológico; 2) o levantamento do *corpus*, as fontes primárias, através da pesquisa documental; 3) a análise do *corpus*.

Paralelamente ao levantamento bibliográfico estamos realizando a coleta dos jornais, as fontes primárias, que irão compor o *corpus* do nosso trabalho. A referida coleta vem sendo realizada nos acervos dos jornais digitalizados através do projeto Hemeroteca Digital⁶, que possui o acervo do jornal Diário de Pernambuco e Última Hora; bem como o acervo produzido pela Companhia Editorial de Pernambuco⁷, no qual é composto pela digitalização do jornal Diário da Manhã. As fontes que compõem o *corpus* são os jornais que circulavam na cidade do Recife, entre os anos de 1960 e 1985, com temáticas relacionadas à travestilidade. Uma vez que ao trabalharmos com o período ditatorial, faz-se necessário, a utilização de fontes documentais para construir um momento da história que buscamos resgatar. A terceira parte da metodologia consistirá na análise do *corpus*, relacionando as fontes documentais com às teorias aqui propostas na fundamentação teórica.

O jornal Diário de Pernambuco criado em 7 de novembro de 1985, em Recife, é o mais antigo jornal em circulação na América Latina. Nesse jornal, é possível constatar que há um alto índice de notícias sobre brigas entre as travestis, desacatos às autoridades locais, prisões e as censuras estabelecidas pelas autoridades sobre o ato de se travestir com trajes femininos tanto durante o carnaval como no cotidiano das cidades. Em contrapartida, também é possível observar que existem diversas notícias sobre o grupo *Vivencial Diversiones* como, por exemplo, os horários de apresentações e matérias sobre os atores que faziam parte do grupo teatral.

O jornal Última Hora foi criado, por Samuel Wainer, para fortalecer a candidatura de Miguel Arraes em 1962. O jornal durante o período da sua existência na capital pernambucana e em outras capitais manteve o seu apoio ao então presidente em exercício João Goulart e as suas propostas de reformas. Em Recife, no dia 18 de abril de 1964, a sede do jornal foi invadida pelas autoridades policiais, que destruíram todo o recinto⁸. Durante 1962-1963, o jornal traz por vários dias como destaque da coluna a travesti Ivaná e os últimos acontecimentos da sua vida: a cirurgia de readequação genital, realizada na Suíça, e as mudanças de seus documentos, ambas anunciada no jornal em dezembro de 1962. Já o Diário da Manhã, jornal diário e matutino criado em 16 de abril de 1927 pela empresa Lima Cavalcanti e Cia., tinha como lema e compromisso defender os interesses dos pernambucanos e nordestinos. Entre as publicações do Diário da Manhã há, por exemplo, são verificadas críticas referentes a presença de “bichas” no parque 13 de maio e ao consumo de drogas, deixando claro que se tratava de um caso de polícia e que as famílias residentes nos arredores pararam de frequentar o parque pela presença de homossexuais no local.

⁶ Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 15 abr. 2019.

⁷ Disponível em: <http://www.acervocepe.com.br/>. Acesso em: 15 abr. 2019.

⁸ Informações disponíveis em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/ultima-hora>. Acesso em: 02 mai. 2019.

REFERÊNCIAS TEÓRICOS

A princípio destacaremos dois campos: a História Vista de Baixo e a Micro-História. Partindo dessa junção, a análise minuciosa e intensiva dos jornais nos permitirá compreender, a partir do cotidiano como campo de observação e do enfoque sociocultural, os problemas relacionados com os choques entre os poderes e a resistência das travestis a esses poderes (BARROS, 2009). A principal preocupação da “história vista de baixo” era examinar a sociedade e a cultura a partir do ponto de vista daqueles que são marginalizados e das classes oprimidas, não da perspectiva do poder instituído, das organizações ou das classes dominantes. Sendo assim, buscaremos perscrutar as experiências históricas e a construção da identidade das travestis relacionando com as amplas estruturas sociais e do poder social (BARROS, 2009; SHARPE, 1992).

Através da Micro-História será possível descortinar os pormenores que escapam aos olhares despercebidos. Ademais, reduziremos a escala de observação a fim de entender os aspectos específicos da sociedade, o que irá contribuir para a compreensão dos aspectos mais amplos da ditadura civil-militar. Procuraremos interpretar, através das matérias jornalísticas, o cotidiano e a realidade vivenciada pelas travestis na cidade do Recife. Ginzburg (1989) afirma que para remontarmos as realidades mais complexas não experimentadas diretamente, é necessário que tenhamos a capacidade de analisar os dados aparentemente negligenciáveis.

Somados aos dois campos citados anteriormente encontram-se as noções de “práticas” e “representações”. Através delas podemos analisar os “objetos culturais produzidos, os sujeitos produtores e receptores de cultura”, assim como “as normas a que se conformam as sociedades quando produzem cultura, inclusive através da consolidação de seus costumes (BARROS, 2009, p. 82). Portanto, por meio do exame minucioso das fontes documentais, poderemos verificar o que foi produzido, quem produziu, quem recebe as informações e quais intenções – se existem – estão por trás das publicações. Isso porque, as representações e as práticas culturais são transpassadas pela noção de poder e dominação, onde as os pontos de vistas sobre o mundo social, os valores e o domínio são instituídos (CHARTIER, 2002; BARROS, 2009).

Também empregaremos os conceitos de Michel Foucault para compreender os desdobramentos do poder tanto dentro das redações dos jornais e do processo de elaboração das publicações como o poder exercido pelas autoridades militares para regular o modo de viver das travestis e a sexualidade. Foucault (2013) afirma que ao corpo é dada uma atenção especial, porque é através dele que o poder manipula, modela ao mesmo tempo em que o torna hábil. O corpo torna-se dócil e, simultaneamente, torna-se útil. Os corpos que desafiam a lógica da “heterossexualidade compulsória e naturalizada” lançam luz à fragilidade das normas instituídas. Isso porque, as dicotomias homem/mulher, macho/fêmea são frutos do “efeito de uma prática reguladora que busca uniformizar a identidade de gênero por via da heterossexualidade compulsória” (BUTLER, 2015, p. 67). Essa regulação é uma prática que exclui e silencia as identidades de gênero e sexuais que não se enquadram nas relações binárias que são socialmente construídas.

A naturalização de uma heterossexualidade segue juntamente com a negação da homossexualidade, pois segundo Louro (2000, p. 22), “para os conservadores tudo isso parece muito subversivo e ameaça atingir e perverter, também, conceitos [...] ligados às identidades nacionais, étnicas, religiosas, de classe. Deste modo, os censores, durante a ditadura civil-militar acreditavam que haveria um complô para tornar a homossexualidade uma prática normal, que conduziria à uma possível revolução comunista no Brasil, tendo como alvo a juventude. Para eles, o “aliciamento para a homossexualidade e para a subversão sempre iam juntos” (COWAN, p. 2015, p. 40).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Mesmo se tratando dos percursos iniciais da pesquisa desenvolvida no mestrado em História Social da Cultura Regional, o presente trabalho já traz à tona questões referentes ao funcionamento da censura direcionada à imprensa pernambucana durante o período da ditadura civil-militar. É possível verificar através do levantamento bibliográfico e da coleta dos jornais, que mesmo com a censura sobre os textos que violavam a moralidade pública e os bons costumes, os limites poderiam ser móveis e estavam ligados mais a política conservadora e a quem tinha o poder econômico do que a um aspecto moral.

Os detentores do poder que silenciavam os jornais muitas vezes se tratavam de financiadores que utilizavam a imprensa para difundir, por meio da publicidade, uma política favorável ao governo autoritário e ao imperialismo norte-americano. A maioria das agências publicitárias e das grandes empresas industriais e comerciais eram estrangeiras e tinham no jornal uma ferramenta para alienar os seus leitores e, conseqüentemente, manipular e controlar a opinião da população a favor dos seus interesses

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os jornais como fonte de pesquisa primária, juntamente com o levantamento bibliográfico possibilitam uma maior compreensão acerca do período em questão, pois é através deles que podemos verificar como os corpos travestis eram percebidos dentro da sociedade, bem como os aspectos referentes às suas vidas cotidianas e os seus espaços de sociabilidade. Nessa perspectiva, é importante destacar que os jornais serviam aos interesses da classe dominante e que os mesmos eram reformulados de acordo com os contextos sociopolíticos vigentes. A classe dominante em questão são os membros das classes alta e média com visões conservadoras, cujos os interesses estavam alinhados com os ideais capitalistas.

Trajetórias de vidas puderam ser contadas dentro dos jornais selecionados. Em algumas matérias podemos observar como os corpos travestis eram hostilizados e marginalizados por boa parte da população. Em contrapartida, algumas matérias elogiavam as apresentações dos grupos de teatros compostos por travestis e apresentações solos que exalavam tanto a feminilidade como a masculinidade. Sendo assim, entende-se que o silenciamento, em algumas situações, dos jornais que circulavam durante o período da ditadura civil-militar e o seu pronunciamento em outras apontará como a liberdade de imprensa atendia as necessidades políticas, econômicas e sociais daqueles que tinham o poder em suas mãos.

Palavras-chave: travestilidade, poder, representação.

REFERÊNCIAS

BARROS, José D' Assunção. **O campo da história:** especialidades e abordagens. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero:** feminismo, e subversão da identidade. Tradução Renato Aguiar. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural:** entre práticas e representações. 2. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

COWAN, Benjamin. Homossexualidade, ideologia e “subversão” no regime militar. *In:* GREEN, James N.; QUINALHA, Renan (org.). **Ditadura e homossexualidades:** repressão, resistência e a busca da verdade. São Carlos: EdUFSCar, 2015. p. 27-52.

FICO, Carlos. Prefácio. *In:* GREEN, James N.; QUINALHA, Renan (org.). **Ditadura e homossexualidades:** repressão, resistência e a busca da verdade. São Carlos: EdUFSCar, 2015. p. 13-16.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir:** nascimento da prisão. Tradução Raquel Ramallete. 41. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais:** morfologia e história. Tradução Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GREEN, James Naylor. **Além do carnaval:** A homossexualidade masculina no Brasil do século XX. Tradução Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. *In:* LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000. p. 4-24 da edição eletrônica em PDF feita por Waldênia Alvarenga Santos Ataíde. Disponível em: https://www.academia.edu/32833669/O_CORPO_EDUCADO_PEDAGOGIAS_DA_SEXUALIDADE. Acesso em: 4 abr. 2019.

LUCA, Tania Regina de. Fontes Impressas. *In:* PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes históricas.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 111-153.

MACRAE, Edward. **A construção da igualdade:** política e identidade homossexual no Brasil da “abertura”. Salvador: EDUFBA, 2018.

MORANDO, Luiz. Por baixo dos panos: repressão a gays e travestis em Belo Horizonte (1963-1969). *In:* GREEN, James N.; QUINALHA, Renan (org.). **Ditadura e homossexualidades:** repressão, resistência e a busca da verdade. São Carlos: EdUFSCar, 2015. p. 53-81.

REIMÃO, Sandra. Ditadura militar e a censura a livros: Brasil (1964-1985). *In:* BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia. **Impresso no Brasil:** Dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Editora Unesp, 2010. p. 271-287.

SHARPE, Jim. A História Vista de Baixo. *In:* BURKE, Peter. **A escrita da História:** novas perspectivas (org.). São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso:** a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.